

ANTROPOLOGIA PORTUGUESA

•
Neste número

Práticas Artísticas na Modernidade

*Um Encontro sobre
Antropologia das Artes*

Vol. 11
1993

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA MODERNIDADE ENTRE CRENÇA E DECISÃO

José António B. Fernandes-Dias

Faculdade de Belas Artes – Universidade de Lisboa

Quero dar-vos as boas vindas e agradecer a todos os que, comunicando, actuando, apresentando ou intervindo, aceitaram vir a estes três dias de conversas.

Um agradecimento particular à BUC, na pessoa do Rui Valente, pela sua curiosidade e abertura à antropologia. Aos colegas que, muito generosamente, atravessaram países e oceanos para estarem connosco – Françoise Paul-Levy de França, Cynthia Novack e Dwight Conquergood dos Estados Unidos. À Filomena Silvano e à Maria José Fazenda, minhas cúmplices directas, e que coordenam as áreas de arquitectura e da dança.

Antropologia – Artes – Modernidade são noções pouco frequentemente associadas no nosso mapa mental. A evocação da palavra *antropologia* produz normalmente imagens, mais ou menos fantasiadas de “primitivo”, “originário”, “autêntico”, “tradicional”, que não encaixam muito bem, nenhuma delas, no que concebemos por Modernidade.

Serei breve, mas gostaria de vos mostrar algumas das razões como foi pensado este Encontro e das expectativas que temos com ele.

A começar pela escolha do termo *Modernidade*. Não o *Modernismo* – a crença numa distinção definitiva entre a época presente e as passadas, que é uma das disposições possíveis na modernidade, expropriando-a sem tolerar rivais e apropriando o futuro; e que terá entrado em declínio nos últimos quinze anos.

Nem a *Modernização* – o impacto produzido por forças externas sobre uma situação local autónoma, com a conseqüente dissolução da sua identidade, da sua diferença. Nem o *Moderno* – a cristalização num determinado lugar de um modelo de vida, uma estrutura que, embora distinta da “tradição” é passível da mesma perspectiva analítica que se aplica a esta.

Antes a *Modernidade* – uma situação e uma condição marcada pela perda da fé numa cosmologia íntegra, ética e epistémicamente ordenada; caracterizada por uma justaposição dinâmica de pontos de vista alternativos e interactivos, legitimada e minimamente institucionalizada; por uma aceitação e uma entrega ao debate e à acção críticos, à desconstrução e reconstrução sociocultural, voltada para o desenvolvimento e a superação do social e culturalmente dado.

Mas, o que tem a antropologia a ver com a modernidade? E com as práticas artísticas na modernidade?

Se é um facto que a nossa disciplina se formou em torno do estudo de formas de vida distantes – de povos exóticos e primitivos, de populações tradicionais, rurais, populares – desde o seu início – o seu interesse não é superável da vontade de melhor vir a entender a forma de vida a que a própria antropologia pertence. E recentemente, a partir dos anos 75 digamos, o movimento crescente de repatriação da antropologia é inegável. Por razões internas à sua própria história, certamente; mas sobretudo ligadas com o desvanecer dos mundos tradicionais, primitivos ou rurais, produzido pelo processo de globalização integral com o desenvolvimento de sistemas políticos e económicos mundiais, dos movimentos de população, dos meios de comunicação de massa, mas, ao voltar-se para o estudo do familiar, a antropologia carrega consigo o capital de diferença entretanto acumulado, o que lhe permite um distanciamento que problematiza esse familiar. Neste processo, vêm sido exigidas, e realizadas, múltiplas revisões de algumas das chaves da antropologia modernista, que a tornam particularmente apta para lidar com a situação da modernidade. Indicarei duas, particularmente relevantes para o tema deste Encontro.

Por um lado, a revisão das teorias holísticas do social e do cultural, tendo em conta que presentemente cada situação local é parte integrante de um mundo mais amplo; uma atenção dirigida para os modos como os sistemas globais são definidos e penetram a nível local, como o externo é parte da construção e constituição do próprio interior de cada situação local. O que permite considerar a existência de universais, mas só como implicados numa prática criativa e cosmo-política local, que se trata de entender; não separados e regulando os particulares em sentido transcendente.

Por outro lado procuram-se meios mais seguros e conseqüentes para captar a distinctividade sociocultural; definidos a um nível menos superficial e observável do que tradicionalmente, ao nível das experiências dos participantes

de uma situação cultural. O que torna as práticas artísticas – lugar por excelência da expressão de sentimentos e emoções, da reflexão sobre as coisas, as pessoas e a relações entre elas – um objecto privilegiado da antropologia, nessa recuperação da diferença.

A integração num sistema mais amplo de todas as práticas e situações culturais não é sinónimo de eliminação da diversidade cultural. Ela sugere antes um potencial criativo e recreativo para contrapor diversas alternativas, em situações que têm que ser vistas como sempre em fluxo, num estado permanente de apropriação, acomodação ou resistência a processos de influência, internos ou externos ao contexto local.

A modernidade não é já uma situação de crise – o irregular tornou-se a norma, a desordem faz parte da ordem. Seria melhor chamar-lhe uma situação experimental. Experimentação social e cultural em geral, mas também na própria antropologia na situação da modernidade. Por isso, numas e noutra, o ecletismo, o jogo de ideias livres de paradigmas autoritários, a abertura a todas as influências desde que pareçam funcionar na prática, a tolerância face à incerteza nas direcções tomadas e à incompletude dos projectos. Assim, estamos aqui antropólogos, arquitectos e arquitectólogos, coreógrafos e estudiosos da dança, encenadores e teatrólogos. Para nós antropólogos, é particularmente gratificante dirigirmo-nos aos artistas e aos estudiosos. E o diálogo com colegas de outros países, com trabalhos de grande relevância sobre a arquitectura, a dança e o teatro, entusiasma-nos; já que se trata de áreas muito jovens da antropologia em Portugal, como poderemos ver pelas idades dos participantes; e com diferentes implantações na Universidade, como as diferenças na organização dos três colóquios reflectem. Mas o Encontro foi pensado com a preocupação central de se tecer como um espaço de tradutibilidade e de abertura entre as nossas várias actividades. Entre antropólogos, artistas e estudiosos da artes, mas também entre os artistas, entre os estudiosos, entre os antropólogos.